

I

Pilatos lava as mãos. O deicida.  
Para que o mundo inteiro seja salvo,  
Condena à morte um deus, autor da vida.

II

Jesus vai caminhando entre os escombros.  
E o que sustenta os céus dobra-se agora,  
Pois nossa cruz lhe é posta sobre os ombros.

III

Mal sai a caminhar, tropeça e cai.  
Mas logo se levanta o Filho Pródigo:  
Na casa iluminada o espera o Pai.

IV

Sua Mãe, ao encontrá-lo, abre-lhe os braços  
Sem poder abraçá-lo. Pode apenas  
Ir seguindo, um a um, seus rubros passos.

V

Alguém o ajuda forçado. É o Cirineu.  
Nós, ao vê-lo passar, desconversamos,  
Hipócritas que somos, tu e eu.

VI

No entanto, mesmo assim a contragosto,  
Como no lenço aberto da Verônica,  
Em nosso coração imprime o rosto.

VII

No seu amor por nós já não põe cobro:  
Mais uma vez caído, se levanta;  
por quem pede uma légua, faz o dobro.

VIII

“Desde Jerusalém me acompanhais!”  
Diz ele: “Ó mães, chorai por vossos filhos:  
Quem sabe escutarão os vossos ais?”

IX

Para nos dar o alento necessário,  
Duas vezes caiu. E cai de novo,  
Já agora no cimo do Calvário.

X

Tiram-te, ó Cristo, o manto, a veste e tudo.  
Mas teu sangue de púrpura cobriu-te,  
Calcado no lagar, Cordeiro mudo.

XI

Como se a não tivesses por amiga,  
Pregam-te à tua cruz com duros cravos,  
Ó grão de trigo erguido em alta espiga.

XII

O Pai abandonou-te, e a fronte inclinas.  
Morres, e a terra toda entenebrece.  
Mas às trevas dos mortos iluminas.

XIII

És descido da cruz como o Santíssimo,

Que tiram do ostensório após a bênção,  
E no colo da Mãe pousas puríssimo.

XIV

Mas, no túmulo posto, não descansas.  
Pois, ao terceiro dia, ergues-te vivo,  
E por nós, para o Pai, fúlgido avanças.